

2º SEMESTRE
SEMANA 11

PARTE ÚNICA

REPERTÓRIO

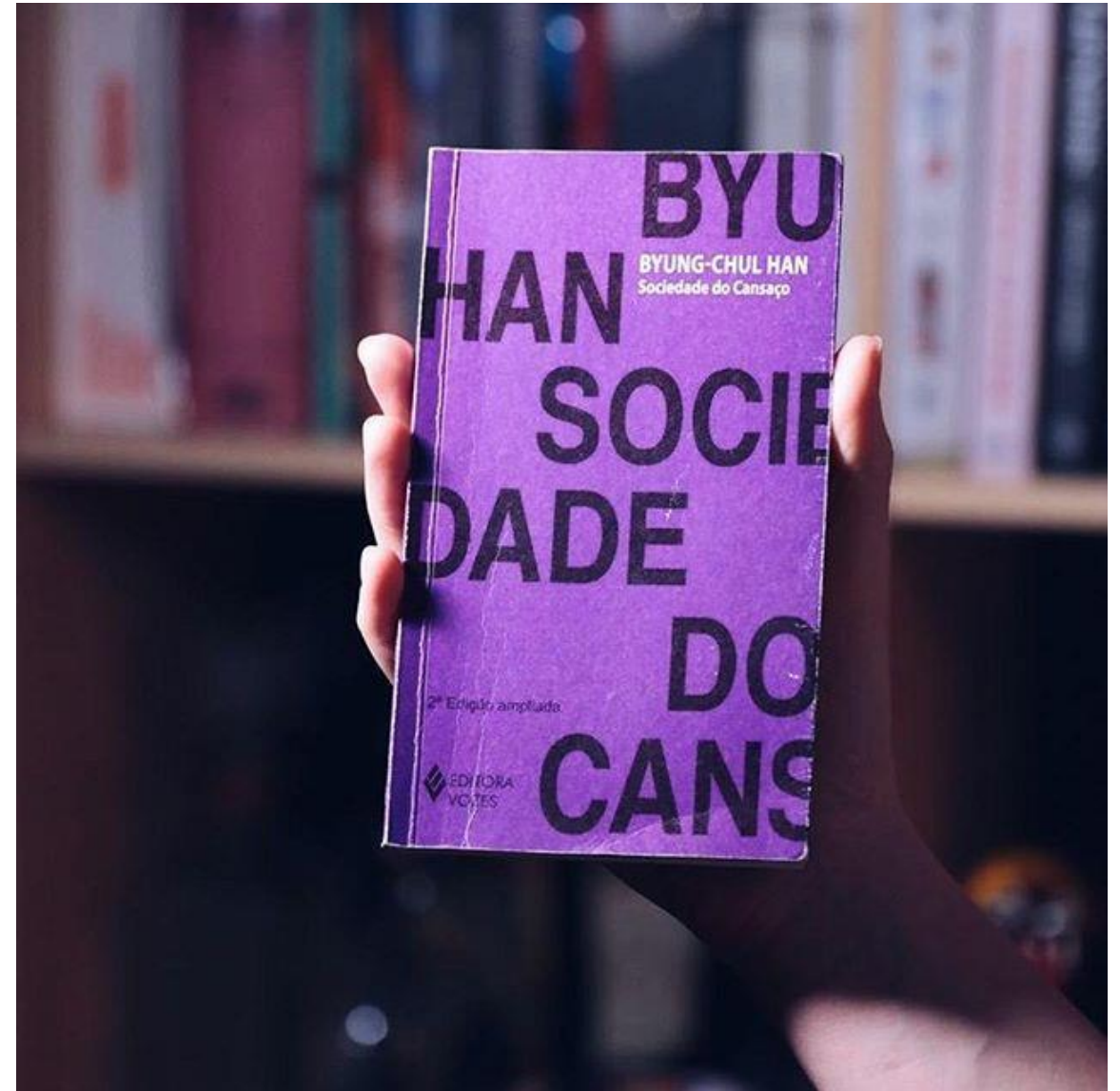
***SOCIEDADE
PALIATIVA***

**BYUNG-CHUL
HAN**



Sociedade do Cansaço

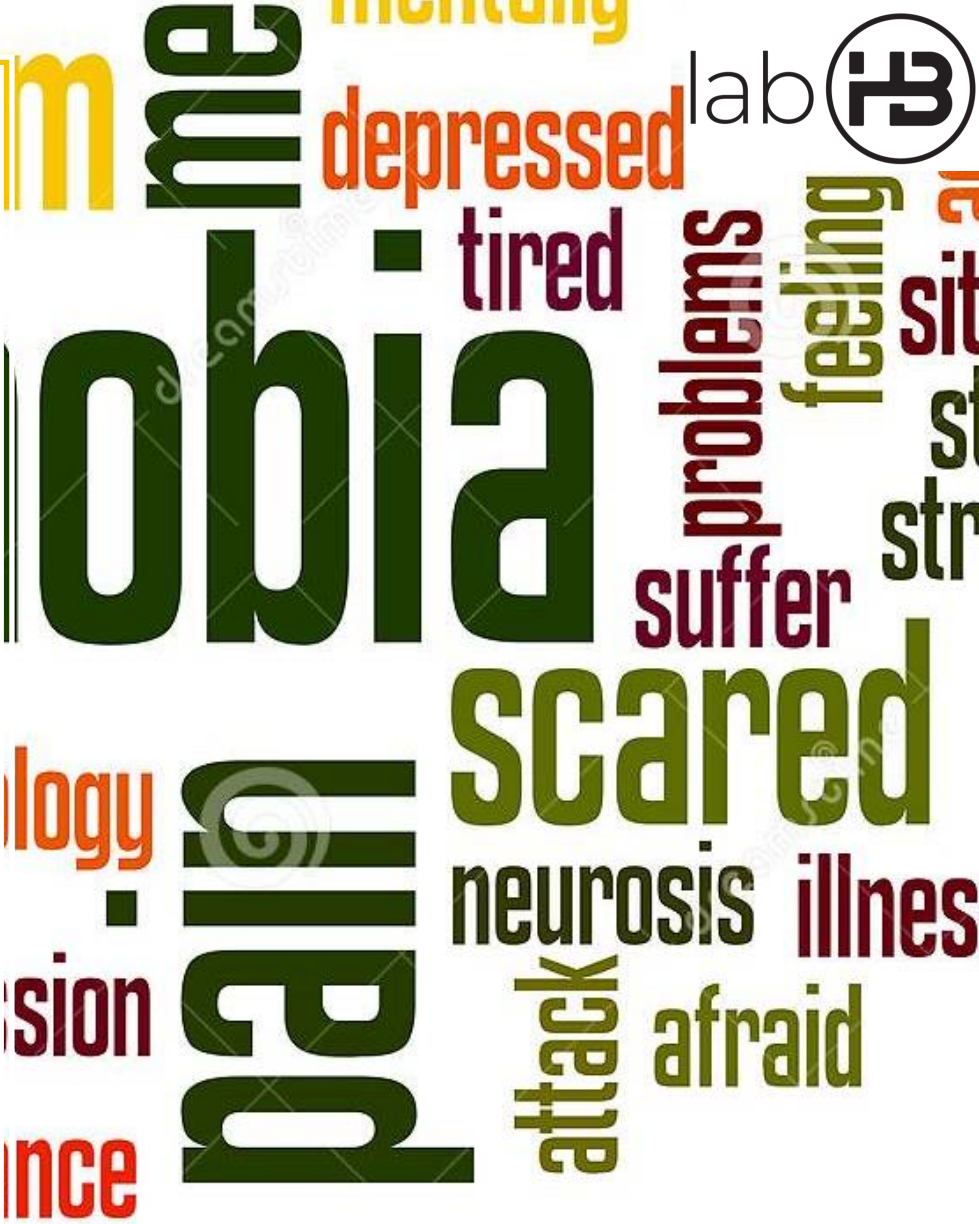
- HIPERPOSITIVIDADE
- SOCIEDADE DO DESEMPENHO
- INFARTOS PSÍQUICOS





“Dize tua relação com a dor, e te direi quem és!”. Este ditado de Ernst Jünger pode ser extrapolado para a sociedade como um todo. A nossa relação com a dor mostra em que sociedade vivemos. Dores são cifras. Elas contêm a chave para o entendimento de toda a sociedade. Assim, cada crítica da sociedade tem de levar a cabo uma hermenêutica da dor. Caso se deixe a dor apenas a cargo da medicina, deixamos escapar o seu caráter de signo.

Hoje impera por todo lugar uma algofobia, **uma angústia generalizada diante da dor.** Também a tolerância à dor diminui rapidamente. A algofobia tem por consequência uma anestesia permanente. Toda condição dolorosa é evitada. Tornam-se suspeitas, entrementes, também as dores de amor. A algofobia se prolonga no social. Conflitos e controvérsias que poderiam levar a confrontações dolorosas têm cada vez menos espaço.



A algofobia se estende também à política. A coação à conformidade e a pressão por consenso crescem. A política se orienta em uma zona paliativa e perde toda vitalidade. A “falta de alternativa” é um analgésico político. Em vez de debater e lutar pelos melhores argumentos, entregamo-nos à compulsão por sistema. **A política paliativa não é capaz de visões ou de reformas penetrantes. Ela prefere tomar analgésicos de curto efeito, que apenas aceleram disfunções e rejeições.** A política paliativa não tem nenhuma coragem para a dor. Desse modo, o igual avança.



ENTÃO VOCÊ FEZ COACHING

*Vivemos em uma sociedade da positividade, que busca se desonerar de toda forma de negatividade. A dor é a negatividade pura e simplesmente. Também a psicologia segue para essa mudança de paradigma e passa, de psicologia negativa como “psicologia do sofrimento”, para a “psicologia positiva”, **que se ocupa com o bem-estar, a felicidade e o otimismo.** Eles devem ser substituídos imediatamente por pensamentos positivos.*

**CONTE-ME COMO ISSO
MUDOU SUA VIDA...**



A psicologia positiva submete a própria dor a uma lógica de desempenho. **A ideologia neoliberal da resiliência transforma experiências traumáticas em catalisadores para o aumento do desempenho.** Fala-se até do crescimento pós-traumático. O treino de resiliência como treino de resistência espiritual tem de formar, a partir do ser humano, um sujeito de desempenho permanentemente feliz, o mais insensível à dor possível.

*A missão de felicidade da psicologia positiva e a promessa de um oásis de bem-estar medicamente produzível são irmanadas. A crise de opioides estadunidense tem [um] caráter paradigmático. Dela toma parte não apenas a cobiça material de uma empresa farmacológica. Antes há, em seu fundamento, uma suposição fatal para a existência humana. **Só uma ideologia do bem-estar permanente pode levar a que medicamentos que eram originariamente usados na medicina sejam usados com grande pompa também nos saudáveis.***



A sociedade paliativa coincide com a sociedade do desempenho. A dor é vista como um sinal de fraqueza. Ela é algo que deve ser ocultado ou ser eliminado por meio da otimização. Ela não é compatível com o desempenho. A passividade do sofrer não tem lugar na sociedade ativa dominada pelo poder. Hoje se remove à dor qualquer possibilidade de expressão. Ela é, além disso, condenada a calar-se. A sociedade paliativa não permite avivar, verbalizar a dor em uma paixão.

A sociedade paliativa é, ademais, uma sociedade do curtir. Ela degenera em uma mania de curtição. Tudo é alisado até que provoque bem-estar. O like é o signo, sim, o analgésico do presente. Ele domina não apenas as mídias sociais, mas todas as esferas da cultura. Nada deve provocar dor. Não apenas a arte, mas também a própria vida tem de ser instagramável, ou seja, livre de ângulos e cantos, de conflitos e contradições que poderiam provocar dor. Esquece-se que a dor purifica. Falta, à cultura da curtição, a possibilidade da catarse.

*A cultura da curtição tem múltiplas causas. Os produtos culturais se encontram cada vez mais fortemente sob a coação do consumo. Eles têm de tomar uma forma que os torne consumíveis, ou seja, curtíveis. Essa economificação da cultura acompanha a culturificação da economia. Bens econômicos são dotados de mais-valia cultural. Eles prometem vivências culturais, estéticas. Assim, **o design se torna mais importante do que o valor de uso**. A esfera do consumo penetra a esfera da arte. Assim, as esferas da arte e do consumo se misturam o que tem por consequência que, agora, a arte se vale da estética do consumo. **Ela se torna curtível.***

*Economificação da cultura e culturificação da economia se fortalecem reciprocamente. É desfeita a separação entre cultura e comércio, entre arte e consumo, entre arte e propaganda. Artistas se encontram, eles mesmos, sob a coação de se estabelecerem como marcas. Eles se tornam conformes ao mercado e curtíveis. A culturificação da economia também afeta a produção. A produção pós-industrial, imaterial, apropria-se das formas de práxis artística. Ela tem de ser criativa. A criatividade como estratégia econômica permite, porém, apenas variações do igual. Ela não tem nenhum acesso ao inteiramente outro. **Falta a ela a negatividade da ruptura, que dói.** Dor e comércio se excluem reciprocamente.*

*Quando a esfera da cultura, separada nitidamente da esfera do consumo, seguia a sua própria lógica, não se esperava dela nenhuma curtição. O ditado de Adorno, de que a arte seria “estrangeiridade para o mundo”, ainda tinha validade. A arte do bem-estar é, desse modo, uma contradição. **A arte tem de poder causar estranhamento, perturbar, transtornar, sim, também doer.** Ela se concentra em outro lugar. Ela está em casa no estrangeiro. A aura da obra de arte consiste justamente na estrangeiridade. **A dor é o rasgo por meio do qual o inteiramente outro tem entrada.** Justamente a negatividade do inteiramente outro torna a arte capaz de uma contranarrativa frente à ordem dominante. **A curtição, em contrapartida, apenas prolonga o igual.***



*A consciência que não é capaz de estremecer é uma consciência coisificada. Ela é incapaz da experiência, pois é “em sua essência a dor na qual o essencialmente ser-outro do ente se desvela diante do habitual”. Também a vida que recusa toda dor é uma vida coisificada. **Só o “ser-tocado pelo outro” mantém a vida viva. Caso contrário, ela permanece presa no inferno do igual.***

Byung-Chul Han nasceu na Coreia, mas fixou-se na Alemanha, onde estudou filosofia na Universidade de Friburgo e literatura alemã e teologia na Universidade de Munique. Em 1994, doutorou-se em Friburgo com uma tese sobre Martin Heidegger. É professor de filosofia e estudos culturais na Universidade de Berlim e autor de inúmeros livros sobre a sociedade atual publicados pela Editora Vozes.

MAL SECRETO - RAIMUNDO CORREIA

*Se a cólera que espuma, a dor que mora
N'alma, e destrói cada ilusão que nasce
Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração, no rosto se estampasse;*

*Se se pudesse, o espírito que chora,
Ver através da máscara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse!*

*Quanta gente que ri, talvez, consigo
Guarda um atroz, recôndito inimigo
Como invisível chaga cancerosa!*

*Quanta gente que ri, talvez existe,
Cuja ventura única consiste
Em parecer aos outros venturosa!*

